

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Então estamos em Cotonu, dia 24 de setembro de 1995. E estamos aqui com o senhor Adolphe Gonçalves, que é a pessoa da família Gonçalves que se ocupa de fazer pesquisas, se informar sobre o passado da família. Ê, senhor Gonçalves, então o senhor nasceu em 1955, é coreógrafo e percussionista, é casado e tem três filhos. A mulher do senhor é beninense?

ADOLPHE GONÇALVES - Ela é beninense, de Aguê-Djigo.

MG - Ela também é agudá?¹

AG - Não, ela não é agudá, mas é de Aguê, quê.

MG - Aguê. É uma cidade brasileira Aguê?

AG - Sim, sim.

MG - E vocês dois falam em que língua entre vocês?

AG - Falamos francês. É o francês que eu falo. Falamos também mina, a língua do Togo². Bom, eu não falo tanto fom³, quê. Eu entendo, mas não falo fom. Mas ela, ela fala bem fom.

MG - Mas a língua que ela fala com o senhor e com as crianças é o francês e o mina.

AG - Sim, o francês e o mina, é isso.

MG - O pai do senhor chama Eugène?

AG - Não.

MG - O avô do senhor chama Eugène. O pai se chama?

AG - Jean Gonçalves.

MG - Jean Gonçalves. O pai do senhor foi quem nasceu em 1921?

¹ O termo Agudá refere-se aos africanos que foram escravizados no Brasil e retornaram para a África, assim como a seus descendentes e agregados.

² Mina é um grupo étnico oriundo da antiga Costa do Ouro, atual República de Gana. Na região está localizado um dos mais antigos estabelecimentos portugueses da África Ocidental, a fortaleza de São João da Mina. No Brasil, o nome mina foi atribuído a todos os escravos sudaneses de várias etnias embarcados na Costa dos Escravos, situada a leste do Castelo de São João da Mina. O Togo tem fronteiras com Gana, Benim e Burkina Faso, e sua população é composta de diversas etnias, entre as quais a Mina.

³ O povo Fom é uma subdivisão do povo Ewe, ditos “Ewes orientais”. Habitam o Benim, onde, na fronteira com a Nigéria se misturam aos Iorubás. Os “Ewes ocidentais” se localizam no Togo. O subgrupo principal dos fom é o Fon-Mahi. No Brasil, os fom ficaram conhecidos como “Jeje-Marrim”. Nos séculos XVII e XVIII, o povo fom foi senhor do poderoso e organizado Estado de Daomé.

AG - Sim.

MG - Então, a história do senhor começa com o senhor... o pai fundador, o senhor poderia me dizer?

AG - O pai fundador da família, que é o senhor José Francisco Gonçalves. Seus filhos são: Agostino, Joachim, Camus, Cypriano, Luis, Regina. Bom, e depois de Francisco Gonçalves vem José Agostino Gonçalves. Agora, os filhos de José Agostino Gonçalves são: Eugène...

MG - É o avô do senhor?

AG - Sim é meu avô.

MG - E isso aí, a gente vai fazer uma fotocópia? Então, o Eugène é o seu avô e o bisavô é o Agostino.

AG - É isso. Quer dizer, os filhos de José Agostino são Eugène, Gustave, Armancio, René, Léonard, François, Antoinette, Eugénie, Victirine, Florentine, Marie Justine, Geneviève e Adèle.

MG - Ah!

AG - Agora, depois de Agostino José Gonçalves vem Joachim José Gonçalves.

MG - Esse aí não é filho do Agostino?

AG - Sim, sim. Essa aí é a Adèle, a última do Agostino José Gonçalves.

MG - Mãe do Joachim?

AG - Sim, ah, não, Joachim é filho de, quer dizer, como dizer isso? De... Joachim José Gonçalves é o filho dessa aí.

MG - Da Adèle?

AG - Sim. Bom.

MG - Não é possível, porque o filho de Adèle tem o nome do pai dele.

AG - Sim, sim, o nome de seu pai.

MG - E seu pai não é Gonçalves?

AG - Euh! Essa aí...

MG - Adèle é uma mulher.

AG - Sim.

MG - Então ela tinha um marido.

AG - Sim.

MG - O filho pegou o nome do marido. Ele não pega o nome da mulher, então o filho de Adèle não chama Gonçalves.

AG - Não.

MG - Tem alguma coisa aí, vamos nos informar. Não é grave.

AG - Bom, depois do Agostino, vem o José Joaquim Gonçalves. Os filhos do Joaquim José Gonçalves são: François, Pao, Paovi. Sim, os três aí. Bom, depois vem Camille José Gonçalves. Os filhos de Camille José Gonçalves são: Antoine, Nafir e Lazard.

MG - Deixe-me explicar uma coisa para o senhor, Adolph. Olhe aqui, Francisco teve vários filhos. Seus filhos formaram vários ramos [familiares]. Tem o ramo Agostino; é esse aqui. Tem um segundo ramo Joaquim; é esse aqui. Tem um terceiro ramo Camille. Então, aqui, são os três ramos de Francisco José Gonçalves.

AG - Ele fica.

MG - Não é um depois do outro, é um do lado do outro.

AG - Sim.

MG - Tá aí. Vamos fotocopiar isso aí. Então, o senhor vem desse ramo aqui, do ramo Agostino. O avô do senhor é...

AG - É Eugène.

MG - É Eugène, é o mais velho aí.

AG - É o mais velho do Agostino.

MG - E o pai do senhor, onde ele nasceu? Ele nasceu no Benim?

AG - Meu pai Agostino nasceu no Benim.

MG - O seu bisavô Eugène, é seu bisavô, não?

AG - Sim, sim. Eugène é meu avô, ele nasceu em Allada.

MG - Em Allada.

AG - Sim.

MG - E o pai do senhor, nasceu também em Allada?

AG - Não, meu pai nasceu... Eu acho que ele nasceu em Allada.

MG - Mas o senhor tem a mãe do senhor aí, em que língua o senhor fala com ela?

AG - Nós falamos o francês e o wollof⁴.

MG - O senhor nasceu no Senegal?

AG - Sim, sim.

MG - Ah, então o senhor fala o wollof!

AG - Sim, sim. Bom, eu entendo o português, mas não falamos português. Quando nos falamos em português, eu entendo.

MG - O senhor se lembra de alguma expressão em português?

AG - Sim. Bom, “está bom”, “brigado”⁵.

MG - E com quem o senhor aprendeu?

AG - Com minha mãe.

MG - Com a mãe do senhor. Mas como é que a mãe do senhor aprendeu o português?

AG - Sim, quer dizer, minha mãe, ela é portuguesa cem por cento. Ela compreende o português perfeitamente, ela é de Lisboa. Minha mãe é portuguesa, o pai dela é português.

MG - E a mãe do senhor é branca ou é mestiça?

AG - Ela é branca.

MG - Ela é branca, cem por cento?

AG - Sim.

MG - De Portugal.

AG - Sim.

MG - Ah!

AG - Ela é de Lisboa.

MG - De Lisboa? Ela não está mais viva?

AG - Não, ela não está mais viva. Ela morreu.

MG - Meu avô é português também.

⁴ Wollof é um grupo étnico oeste-africano, localizado nos atuais territórios de Gâmbia, Mali e Senegal. O império Wollof teve seu apogeu do século XIV ao XVI. Por serem belicosos e dados a insurreições, a importação de negros dessa etnia foi proibida nas Índias Ocidentais. No Brasil, ficaram conhecidos também como Jalofos.

⁵ “Está bom” e “brigado” estão escritos em português no manuscrito; “[o]brigado”.

AG - Você vê.

MG - Ele é português, mas não de Lisboa. Ah, então é por isso que o senhor aprendeu o português. Vamos chegar logo nisso. E a avó do senhor? A avó do senhor, o senhor se lembra dela?

AG - Sim, bem.

MG - Ela falava que língua?

AG - Ela falava também o português e o wollof, e o francês também.

MG - Essa é a mãe da mãe do senhor?

AG - Sim, ela é da família Delgado.

MG - Da família Delgado.

AG - Sim.

MG - Que estava lá no Senegal também?

AG - Sim, sim.

MG - E a avó do lado do pai do senhor. O senhor se lembra dela?

AG - Sim.

MG - A tia do Eugène.

AG - Sim, bem.

MG - Ela falava em que língua?

AG - Ela falava fom, ela falava mina, um pouco de francês.

MG - A língua que ela falava com o seu pai, era o fom d'Allada?

AG - Sim, era mina, sobretudo. O fom. O mina e o fom.

MG - Em Allada falam fom.

AG - Sim, falamos fom lá.

MG - ???⁶

AG - Sim é o fom de Abomé, o fom habitual.

MG - E o seu avô Eugène, porque eu estou tentando reconstruir a história com o senhor, então sabemos que o senhor, o senhor tem três filhos, faz coreografias, danças,

⁶ Pontos de interrogação do manuscrito.

percussão, e tudo isso. Com a esposa do senhor o senhor fala mina e francês. E o pai do senhor, ele fazia o quê como profissão?

AG - Euh! Meu pai era técnico do presidente Léopold Sedar Senghor, esse era o presidente. Bom, era meu pai que se ocupava de tudo o que era aparelho, telefone, televisão, técnica, tudo isso, da presidência.

MG - E o pai do senhor morou no Senegal durante quanto tempo?

AG - Ele ficou quarenta e quatro anos no Senegal.

MG - Oh! Quarenta e quatro anos! Não faz muito tempo que ele voltou. O senhor tem nacionalidade beninense?

AG - Sim tenho a nacionalidade.

MG - Porque a mãe do senhor é beninense, tudo isso.

AG - Não, minha mãe é portuguesa.

MG - Ah, a mãe do senhor é portuguesa. Mas o senhor tem a nacionalidade beninense? Quarenta e quatro anos são bastante, hein?

AG - Sim.

MG - E depois disso ele voltou aqui.

AG - Bom, depois disso ele voltou aqui, foi quando ele se aposentou que ele decidiu vir se instalar, ficar em Aguê.

MG - Ele ainda está lá?

AG - Foi agora que ele faleceu. Foi aí que ele faleceu.

MG - Foi lá que ele faleceu. Ele é de 1921. E seu avô Eugène, o senhor se lembra de sua profissão?

AG - Meu avô, bom ele era comerciante. Ele era comerciante, quer dizer, ele amava muito o campo. Ele tinha muita riqueza, você vê. Bom, meu avô, ele nasceu, bom, dia 20 de abril de 1888.

MG -Ele faleceu.

AG - Ele faleceu dia 9 de janeiro de 1952.

MG - Sabe o que vamos fazer? Vamos fotocopiar isso.

AG - Sim, isso aí.

MG - Porque, para gravar, isso é muito complicado, vamos tirar uma fotocópia. É muito bom, e o... ele era comerciante estabelecido em Allada.

AG - Sim, em Allada.

MG - E subindo antes disso tem o Agostino, pai do senhor, o filho de Francisco Gonçalves. Onde ele estava estabelecido? O senhor sabe?

AG - Francisco, ele estava em Aguê.

MG - Francisco chegou em Aguê.

AG - Ele chegou em Aguê, e agora Aguê, agora, ele dobrou⁷, ele se dobrou e ele partiu para Porto Novo. E lá, agora, ele estava lá com seus dois filhos, que eram uma menina e um menino. Foi de Porto Novo que ele pegou o barco para ir ao Brasil.

MG - Francisco, olha uma coisa. Eugène nasceu em [18]88.

AG - Sim.

MG - Eugène é o filho de Agostino. Então Agostino, ele é uns trinta anos mais velho. Então Agostino nasceu mais ou menos, para ter uma ideia, em 1850.

AG - Alguma coisa assim, sim.

MG - Alguma coisa assim. E Agostino, ele já nasceu aqui.

AG - Sim.

MG - Então o pai dele tinha 45 ou 50 anjos quando ele nasceu. Então o pai dele chegou aqui antes de 1850.

AG - Isso é certo.

MG - E o senhor diz que ele era um militar português.

AG - Sim, das forças armadas portuguesas.

MG - Das forças armadas portuguesas.

AG - Um capitão, sim.

MG - Um capitão das forças armadas portuguesas, e que ele chegou com suas tropas e com seus filhos. Dois filhos e sua mulher.

AG - Uma menina e um menino.

MG - Uma menina e um menino. Essa menina e esse menino foram com ele para o Brasil.

AG - Sim.

MG - Eles não ficaram aqui, só os irmãos ficaram aqui.

⁷ “Il a replié. Il s’est replié” – literalmente “ele dobrou, ele se dobrou”.

AG - Sim.

MG - Vamos tentar encontrar referências de tudo isso aí. Ele tem o túmulo dele lá em Aguê?

AG - Sim, quer dizer...

MG - Ah, não! Ele morreu no Brasil.

AG - O túmulo que se encontra em Aguê é o túmulo do Agostino José Gonçalves; é o túmulo do meu avô, o pai de Eugène.

MG - Do pai do Eugène.

AG - Sim.

MG - Não, o que eu queria era precisar é quando foi que José Francisco Gonçalves chegou aqui. Mas vou fazer pesquisas no livro lá. E, isso, eu volto no mês de janeiro, e eu digo ao senhor.

AG - Bom, claro, quer dizer, em Aguê, sobre a ponte que existe em Aguê - é uma ponte muito, muito velha - eles escreveram a data de chegada de Francisco.

MG - Ah, a data de chegada de Francisco, sobre a ponte da casa de família, em Aguê?

AG - Sim.

MG - A casa de família, quem foi que construiu? Foi o Agostino?

AG - Não foi o Francisco.

MG - Foi o Francisco mesmo que construiu a casa, e ela continua de pé?

AG - Sim, sim. Ela continua de pé. Tinha isso, quer dizer, que ele, ele fazia tráfico de escravos, Francisco.

MG - Ah! O Francisco fazia tráfico de escravos!

AG - Sim, até agora, em Aguê, tem uma, tem uns quartos, lá onde ele colocava os escravos, estão lá em Aguê, até hoje.

MG - E, se ele fez tráfico de escravos, ele fez isso antes de 1850.

AG - Sim.

MG - Porque depois de 1850 não faziam mais o tráfico. Como o senhor sabe que ele fazia o tráfico? São histórias que a família conta?

AG - Sim, sim. Quer dizer, nós temos... certos velhos da família, como por exemplo, atualmente o único que sobrou é o chefe da família, o tio Sébastien. Ele também, ele conhece muito [a história].

MG - É o farmacêutico que está em Lomé⁸.

AG - Sim.

MG - Ele sabe muito sobre isso. O tio Sébastien vem de que ramo [da família]?

AG - Bom, ele, exatamente, eu não sei exatamente de que ramo ele vem. Mas eu acho que ele é do ramo do Joachim. Mas eu não penso que ele seja da Camille, porque o ramo da Camille eu encontrei, quer dizer, o filho, o neto de Antoine, ontem, que é o pai do meu primo.

MG - Sim.

AG - É ele que me precisou exatamente. Camille José Gonçalves tem três filhos, Antoine, Nafir e Lazard.

MG - Então, vou retomar isso, e sobre a história de Francisco José Gonçalves, o senhor disse que ele traficava e tudo isso. O que o senhor sabe mais sobre a vida dele? Porque isso me interessa, um pequeno fragmento de história. Então ele chegou com sua mulher e seus dois filhos, uma menina e um menino, e ele traficava. O senhor sabe quantos anos ele ficou aqui?

AG - Não sei exatamente quantos anos ele ficou aqui. Somente...

MG - O senhor sabe quantas esposas ele tinha? Porque ele teve seis filhos, dois mais quatro fazem seis. Seis filhos. Se ele fez os filhos com uma só esposa, isso faz uma dezena de anos, oito. Mas se ele fez com duas esposas, faz dois anos⁹. É por isso que eu pergunto.

AG - Eu sei somente que meu avô Eugène, ele tinha quatro esposas.

MG - Agostino nós não sabemos. E sobre Francisco também não sabemos. E na casa da família, quem ficou nessa casa da família em Aguê, depois que ele partiu? Lá ele fez o tráfico, depois se estabeleceu em Porto Novo. Ele fez uma casa lá também?

AG - Sim.

MG - E lá em Porto Novo, ele traficava também?

AG - Sim. Foi de lá que ele deixou, para partir para o Brasil. Bom, agora, em Porto Novo, atualmente, na casa da família reside... A casa se encontra em um bairro chamado Abassa.

MG - Abassa. E essa casa foi construída pelo Francisco.

AG - Sim.

⁸ Caligrafia difícil, podendo ser outra localidade.

⁹ As contas estão um pouco confusas, tal como no manuscrito.

MG - Bom, vamos ver a casa lá. Mas quem mora lá?

AG - Atualmente tem um neto da família José Gonçalves, que é descendente da filha de quê, dos filhos da Camille José Gonçalves.

MG - ???¹⁰ voltando para a França, eu vou procurar no livro as referências, porque todos os militares portugueses que vieram, etc., escreveram em um livro. E eu vou dizer ao senhor toda a história dos Gonçalves que já é conhecida. Depois vamos ler a história que o senhor contou, vamos recontar tudo isso.

AG - Eu, o que me interessa mais é conhecer a família Gonçalves que se encontra no Portugal, e depois, com eles fazer pesquisas, discutir com eles, para conhecer as origens do Francisco José Gonçalves.

MG - Primeiro é preciso precisar bem quem é Francisco José Gonçalves. Depois, então, o senhor vai encontrar sua família, no Portugal, ou ao Brasil, porque, é preciso dizer uma coisa ao senhor, antes de 1820, Portugal e o Brasil eram o mesmo país.

AG - Sim.

MG - Não tinham passaportes brasileiros, todos os passaportes eram portugueses. Porque o Brasil era uma colônia de Portugal. E todo o mundo que estava no Brasil era ao mesmo tempo português e português.

AG - É isso.

MG - Então, se ele voltou ao Brasil, ele partiu do Brasil, porque nós retornamos do lugar de onde partimos. Se o senhor diz, ele voltou para morrer no Brasil, então ele partiu do Brasil. Provavelmente ele é um português que foi ao Brasil para colonizar. Uma vez lá, ele partiu para a África. E talvez, então, sua descendência, os outros Gonçalves, eles não se encontram mais no Portugal, mas no Brasil. Porque, preste atenção, se ele partiu ao Brasil para morrer lá, com seu filho e sua filha, sua filha e seu filho ficaram no Brasil, então eles tiveram filhos lá. Então, outros ramos dos Gonçalves que são do interesse do senhor, eles não estão no Portugal, eles estão no Brasil. Então, senhor Adolph, eu digo ao senhor que isso não vai ser fácil, porque tem muitos, muitos Gonçalves no Brasil. É preciso realmente precisar a trajetória de José Francisco Gonçalves para compreender bem seus parentes lá.

AG - O fato que tem muitos Gonçalves, eles vão conhecer melhor as raízes, mais do que a gente, o senhor vê?

MG - Sim e não, porque o senhor tem uma família muito, muito grande, com muitos ramos. Por exemplo, aqui o senhor tem seis ramos, só conhecemos três deles, o do Agostino, o da Camille, e o do Joaquim. Tem o ramo do Cyprien, do Luis, da Regina, que já estão perdidos. Então, alguém da família da Regina que quer encontrar seu antepassado não consegue mais. Porque o ramo dela se perdeu. Alguém do ramo da

¹⁰ Pontos de interrogação do manuscrito.

Camille pode encontrar seu antepassado. Então, é preciso saber em que ramo o senhor está. Isso é um trabalho de muito tempo. E, bom, é preciso tentar fazer e tudo isso. Bom, agora, vamos deixar um pouco de lado a história. E eu pergunto ao senhor uma coisa. Aqui, o senhor enquanto bom português-brasileiro, é a mesma coisa, se adota o brasileiro aí. Os agudás, na opinião do senhor, o que é ser um agudá no Benim hoje?

AG - Um agudá no Benim é um repatriado do exterior, quê. Um tipo que evolui do lado dos brancos, dos mestiços, que veio se instalar aqui, quê. É o que chamamos de agudá aqui.

MG - Mas na vida do dia a dia, muda alguma coisa ser um agudá, ser um fom de Abomé, ou um “baúba”¹¹ do Norte. Isso muda alguma coisa na vida de todos os dias?

AG - Não, isso não muda, bom, não muda. Eu vejo que isso depende da mentalidade de cada um. Isso depende como a pessoa vê as coisas, como a pessoa se comporta com todos e cada um. O senhor entende?

MG - Mas na vida de todo dia isso não muda nada?

AG - Não, não muda nada.

MG - O senhor é católico?

AG - Sim, eu sou católico, bom, somente, euh, somente eu acredito em Deus, eu sei que tem os dez mandamentos e que é preciso praticar os dez mandamentos de Deus. Mas somente eu não vou à missa todo tempo.

MG - Isso é outra história. E o *fétiche*¹²?

AG - Euh! O *fétiche*, eu conheço bastante, porque tenho primeiro uma esposa, seu pai é Hounon de Aguê, o grande *féticheur*¹³ de Aguê. Por isso eu vivi muito com os *féticheurs*. Tanto que eu conheço muito, e como sou artista, um professor de coreografia, eu conheci muito o *fétiche* e tudo isso.

MG - Um dia vou ver uma coreografia do senhor.

AG - Isso, sem problemas.

MG - Da próxima vez que o senhor fizer uma coreografia precisa me avisar. Seus filhos têm que idade?

AG - A mais velha é uma menininha, ela tem cinco anos. E o outro, o menino, ele tem três anos. A menor tem um ano.

MG - Está bem. Bom, o senhor tem quantos irmãos e irmãs?

¹¹ Caligrafia difícil, pode ser outra palavra.

¹² “Fétiche” é a designação europeia e ocidental para qualquer objeto material, trabalhado ou não, em que se deposita a força vital de um ser espiritual.

¹³ “Féticheur”, aquele que manipula os objetos considerados sagrados.

AG - Eu sou filho único do meu pai.

MG - O senhor não tem irmã?

AG - Não, nem irmão.

MG - Nem irmão! Oh! Quando o senhor era jovem, o senhor brincava de *Burian*¹⁴? O senhor conhece isso, a *bourian*?

AG - Sim, eu conheço muito bem a *bourian*. Bom, nós brincávamos de *bourian* no Senegal, primeiro, quando eu estava com minha mãe, nós fizemos um clube de portugueses e nós nos entendíamos muito, e fazíamos muito a *bourian*. Todos os fins de semana a gente convidava os amigos portugueses e portuguesas, e a gente organizava noitadas de *bourian* com comida do Portugal que a gente chama “Kauchup”¹⁵, a feijoada. Sim.

MG - A feijoada também.

AG - Sim.

MG - O senhor chegou aqui no Benim com que idade?

AG - Então, somente, quando eu cresci no Senegal, eu já era bastante grande quando eu vim aqui. Porque eu não conhecia minha família paterna. Então, eu tinha decidido, quando meu pai se aposentou, eu disse ao meu pai que era preciso que a gente voltasse para o Benim e ao Togo, para poder conhecer a família Gonçalves, porque eu não conhecia a família. E foi então quando eu cheguei aqui, que eu alimentei essa curiosidade de conhecer mais profundamente, mais profundamente a família e a descendência do meu avô, as riquezas que ele deixou. Tudo, tudo, quê.

MG - E isso era em que ano?

AG - Era 1982, ou algo assim.

MG - 1982. O senhor já era grande, porque o senhor tem 55. O senhor tinha 37 anos, na época. Então, é antes dessa data que o senhor chegou aqui no Benim. E lá, no Senegal, não sobrou mais Gonçalves?

AG - Tinha somente algumas famílias Gonçalves que eu conheci. Eles eram portugueses, brancos.

MG - Então, eles não eram ligados com Francisco?

AG - Não.

¹⁴ *Bourian* é um tipo de brincadeira como a Burrinha ou o Bumba-meu-Boi.

¹⁵ “Kauchup”, palavra do manuscrito sem tradução.

MG - Eram outros os descendentes do Francisco. Nós o encontramos em Louré¹⁶, em Gana. No Gana é aonde, em Accra?

AG - Não, não em Accra, em Kofodua.

MG - Em Kofodua. Lá, então, encontramos descendentes?

AG - Isso.

MG - E aqui, no Benim, encontramos em Porto Novo, Aguê e Allada. São as três cidades onde encontramos. Aqui, no Benim, o senhor já fez a *bourian*? Não?

AG - Sim, fizemos a *bourian* em Uidá. Lá é o lugar, lá fazemos bastante *bourian*. É lá, tem até um clube de *bourian*, só de *bourian*.

MG - Até hoje?

AG - Sim, até hoje.

MG - E o senhor sabe quem é que anima esse clube aí?

AG - Sim. É um agudá. Ele é da família de Almeida de Medeiros, alguma coisa assim.

MG - O senhor conhece muitos agudás aqui. O senhor tem relações?

AG - Sim, conheço muitos agudás, da família Gomes, Monteiro, Medeiros, tudo isso aí.

MG - E vocês se veem com frequência?

AG - Sim nos vemos com frequência. Por exemplo, quando eu saio, me distrair, quando eu vou, por exemplo, no centro cultural francês, ou bem eu vou, por exemplo, nos prédios públicos, tudo isso aí, nos encontramos lá, bom.

MG - Para discutir um pouco. Sim, entendo. Diga-me uma coisa, na sua família vocês fazem louvores? O senhor sabe o que são os louvores? Os louvores são quando as pessoas se encontram, e dizem: “Ah, o senhor cujo antepassado veio do Brasil, e lá, lá, lá”. O senhor conhece isso? Os iorubás fazem bastante isso.

AG - Sim, os Iorubás fazem bastante. Somente aqui do nosso lado, isso não se faz tanto. Mas os louvores se fazem muito do lado dos muçulmanos. E a maior parte dos que fazem os louvores são *griots*¹⁷. Os *griots* que são, sobretudo, especializados no domínio dos louvores. E, sobretudo, lá que eu conheci o que chamamos de louvores, como se devem exercer os louvores.

¹⁶ Caligrafia difícil, pode ser outra localidade.

¹⁷ “Griot” é um termo do vocábulo franco-africano, criado na época colonial, para designar o cantor, narrador, cronista e genealogista que transmite oralmente as histórias de personagens e famílias importantes às quais, em geral, está a serviço.

MG - Bom, vamos retomar um pouco a história de Dom Francisco aí. O senhor disse que ele fazia o tráfico. O que o senhor conhece mais dele? Ele veio fazer a casa em Porto Novo.

AG - Bom, o que eu conheço mais, porque eu digo que, primeiro, é um capitão das forças armadas portuguesas, primeiro foram os nossos avós que nos explicaram isso, um, de dois, eu mesmo, quando eu cheguei a Aguê, eu me instalei em Aguê e depois, trabalhando, eu estava cavando a terra e encontrei duas faixas em baixo, faixas, medalhas e chapéus militares, quê. Bom, depois, quando eu vi isso tive um pouco de medo e eu, como eu nunca encontrei coisas assim, eu coloquei de novo na terra, enterrei aquilo de novo. Bom, depois disso, eu parti ver meu tio e eu expliquei que quando eu cavava a terra vi coisas assim. Ele me disse de desenterrar isso, que isso era muito importante, que eu tinha que levar isso, disse para eu voltar, desenterrar e levar [os achados] para ele. Eu parti com os primos, nós cavamos e não encontramos. Mas eu tenho certeza que isso deve estar lá agora.

MG - Isso estava num cofre ou estava assim [solto]?

AG - Não, estava assim mesmo. Estava em bom estado.

MG - Ah, sim. Faz, de fato, algum tempo que o Francisco esteve por lá. Francisco veio no fim do século passado.

AG - Sim, sim.

MG - Então faz dois séculos quase que essas coisas estão enterradas lá. Não é difícil, eram metais.

AG - Sim, sim.

MG - Vamos visitar a casa de família em Aguê.

AG - Sim, sim.

MG - Um dia vamos para lá, eu quero ver isso, a casa, o lugar onde guardavam os escravos. E em Porto Novo, eu gostaria também de ver.

AG - Lá também. Vamos a Dassa e lá vamos te mostrar a casa que ele construiu.

MG - Sim, é bom isso. Senhor Gonçalves, somos obrigados a parar. Os descendentes de Camille?

AG - Camille José Gonçalves. Sim?

MG - São?

AG - Antoine, Nafir e Lazard. Bom, agora, os filhos de Antoine são André, Léon, Roger, Juliette, Gisèle, Irène e Benoît. Os filhos de Nafir são Marc, Marie, Victoire e

Casimir. Os filhos de Lazard, ele tem dois filhos, que eu não conheço exatamente o nome deles.

MG - Vamos procurar, vamos encontrar, porque eles não estão aí? Lazard, Nafir e Antoine, onde eles moram?

AG - Eles estão aqui, eles moram aqui.

MG - A casa em Porto Novo, quem mora lá?

AG - A casa de Porto Novo está com os filhos de Nafir. Bom, é uma mulher, quê. Então, se segunda feira, quando vamos para lá, veremos o André, um dos filhos do Antoine, quê.

MG - Se é uma menina que está em Porto Novo, lá, na casa de família, tem meninas lá, Marie, Victorienne. O último chama como?

AG - Casimir.

MG - Então, é ou a Marie, ou a Victorienne, vamos perguntar.

AG - Sim, sim, vamos saber.

MG - Bom.